

TEATRO: ENTRE O REAL, O POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL

Francisco Taunay Costa Ribeiro (Doutorado, Capes)
História e Historiografia do Teatro (HHT)

Um encenador pode se servir de um texto já pronto, ou mesmo criar seu próprio texto, ou até mesmo realizar um teatro apenas físico: Ele aplica suas idéias e testa a sua realização durante os ensaios. Algumas ideias serão realizadas por completo, outras serão descartadas, e outras sofrerão modificações na sua aplicação na realidade. Após o término da existência do espetáculo, essas ideias se propagarão de alguma forma na memória dos espectadores e participantes, e também na sua reverberação através da recepção dos próprios documentos relativos ao espetáculo, como fotos, filmes, etc.

Assim, podemos pensar em termos de ideias, e mais especificamente em termos de uma história das ideias, a constituição do fenômeno teatral. Para isso, se faz necessário uma explicação sobre o que significa esse conceito, de história das ideias: A história das ideias é um campo de pesquisa da história que lida com a expressão, preservação e mudança nas ideias humanas ao longo do tempo. É através do estudo do comportamento das ideias e o seu desenvolvimento, que pretendo refletir sobre a historiografia do teatro, e sua contribuição para a teoria da história.

O trabalho do sociólogo alemão Karl Mannheim, *Ideologia e Utopia*, busca compreender como as ideias influenciam e são influenciadas pela realidade. Para Mannheim, é notável a existência de ideias até então não concretizadas na realidade, que transcendam uma dada realidade. Essas ideias não se encaixam no mundo real, e podem contribuir para transformá-lo. Existiriam então as *ideologias* e as *utopias*, e o critério de distinção entre essas duas classes de ideias é o da sua realização. Segundo o autor, *ideologias* são aquele corpo de ideias transcendentais, que ao entrarem na esfera do mundo real, sofrem transformações e são distorcidas no seu contato com este. Já, as *utopias* contribuem para realmente transformar a sociedade, de forma pungente, de acordo com sua essência.

Para o autor, essa realidade concreta, histórica e socialmente determinada, que se acha em constante processo de mudança, sofre pressões tanto das *ideologias* como das *utopias* para a sua transformação. Mannheim se utiliza do arcabouço teórico desenvolvido pelo anarquista G. Landauer, que vê uma relação dialética entre a realidade, a ordem, entendida como *topia*, e a idéia

transformadora, *utopia*. Essa dialética é exemplificada em uma citação do historiador alemão T. G. Droysen, escrita por Mannheim em sua obra: *Que a partir das condições já dadas surjam novos pensamentos e, a partir dos pensamentos, novas condições_ eis o trabalho dos homens*. (DROYSEN in MANNHEIM, 228)

Portanto, através desta procura por estruturas históricas, efetuada pelo sociólogo no sentido de compreender mais do que o funcionamento político da sociedade, mas também a forma como as ideias são incorporadas, transformadas e transformam, ao entrarem em contato com a realidade, poderemos refletir um pouco sobre o comportamento do teatro, a partir das suas formas que se transformam no tempo.

A palavra Utopia foi criada por Thomas Morus, que publicou sua obra *A Utopia* em latim, na cidade belga de Louvain, em 1516. *Utopia*, de ou-topos, significa lugar nenhum, o não-lugar, nenhures; é um nome que designa uma ilha visitada por *Hiloteu* (personagem da trama, em forma de diálogo), em uma de suas viagens pelo mundo. Ela possui 12 cidades, governadas pelo imperador *Utopos*, e é o espaço de uma sociedade mais justa, ao menos para o imaginário da época.

A obra de Morus, que despertou grande interesse na *intelligenzia* européia de seu tempo, instituiu esse conceito amplo e polissêmico de *utopia*, que passou a abarcar uma série de obras até anteriores à ela, como *A República*, de Platão, e o próprio paraíso perdido da bíblia sagrada. *A Utopia* também parece ser o ponto de partida de toda uma literatura sociológica sobre o tema.

Para o Dicionário de Política, de Norberto Bobbio:

As contradições terminológicas de Morus e os famosos contra-sensos da geografia utópica refletem o conflito dialético entre o real e o possível. (...) Uma linguagem paradoxal da Utopia é animada por contradições internas (Anidro: o rio sem água; Amarota: a cidade que não se vê; Acórea: o país sem território, etc.) que porém, não constituem negatividade pura, mas sim um desafio semântico a fim de buscar a verdade possível diferente daquela historicamente imaginável. (BOBBIO, 2002, 998)

Este conflito entre o real e o possível, contido na ideia de utopia pode ser de grande utilidade em uma reflexão sobre o teatro, principalmente quando pensamos na criação, desenvolvimento e recepção de um espetáculo: O espetáculo pode ser considerado, de certa forma, como uma utopia realizada, uma vez que existe um certo controle por parte, por exemplo, do diretor, da forma como deseja que as ações humanas aconteçam no palco. Podemos então

imaginar o espetáculo como uma micro-sociedade, onde as ideias e teorias a respeito da cena são testadas na realidade.

Além do conceito de *utopia*, existe o conceito de heterotopia, que também pode contribuir de forma notável para uma análise do espetáculo. Esse conceito aparece pela primeira vez no prefácio do livro *As Palavras e as Coisas*, de Michel Foucault. O autor cita o conto de Borges, *El Idioma Analítico de John Wilkins*, em que o escritor argentino escreve sobre a existência de uma enciclopédia chinesa, onde uma estranha taxionomia dos animais aparece:

A cierta enciclopedia china que se titula Emporio celestial de conocimientos benévolos. En sus remotas páginas está escrito que los animales se dividen en (a) pertenecientes al Emperador, (b) embalsamados, (c) amaestrados, (d) lechones, (e) sirenas, (f) fabulosos, (g) perros sueltos, (h) incluidos en esta clasificación, (i) que se agitan como locos, (j) innumerables, (k) dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello, (l) etcétera, (m) que acaban de romper el jarrón, (n) que de lejos parecen moscas. (BORGES, 2000, 92)

Ao colocar lado a lado seres reais e irreais, como sereias e animais fabulosos, a enciclopédia (muito provavelmente uma criação de Borges), perfaz uma nova ordem das coisas. Essa ordem diferente é, segundo Foucault, um elemento próprio e definidor de cada sociedade, que possui o que chamou de *heterotopias*. Para Foucault, existem as *utopias* e as *heterotopias*. As utopias são sítios sem lugar real. São sítios que têm uma relação analógica direta ou invertida com o espaço real da sociedade. Apresentam a sociedade numa forma aperfeiçoada, ou totalmente virada ao contrário. Seja como for, as utopias são espaços fundamentalmente irreais. Já, as *heterotopias* são

espacos reais - espacos que existem e que são formados na própria fundação da sociedade - que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugar está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. (FOUCAULT, 1984)

É notável que Foucault fala do teatro como uma heterotopia: é um espaço onde diferentes elementos de um espetáculo, advindos de diferentes lugares do lado de fora, inclusive a plateia, são ordenados e reordenados; no teatro coabitam elementos de temporalidades também diferentes, é um espaço

que mostra realizações e pseudo-realizações, incorporando diversas camadas de significados. Os elementos do espetáculo fazem parte de uma junção entre o mundo real e o imaginário, caracterizando essa heterotopia. Refletir sobre o fenômeno teatral, a partir da história das ideias, e auxiliado pelos conceitos desenvolvidos acima, pode ser enriquecedor para uma reflexão sobre a historiografia do teatro.

Bibliografia

BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. 12 ed. Brasília: UnB, 2002.

BORGES, Jorge Luis. Ficciones. Buenos Aires: Emecé, 1956.
_____. O idioma analítico de John Wilkins. In: Outras Inquisições:
_____. Obras Completas II. São Paulo: Globo, 2000

DROYSEN, T. G. Outline of Principles of History. Boston: 1893

ESSLIN, Martin. *Uma anatomia do Drama*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas, 1966, Lisboa, Edições 70.
_____. De outros espaços in Architecture, Movement, Continuité,
5, de 1984. Disponível
em: <http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html>

LANDAUER, G. *La Révolution*, éditions Champ libre, Paris, 1974.

MANNHEIM, K. Ideologia a utopia. Rio de Janeiro. Zahar. 1982.

MORUS, Thomas. A Utopia. São Paulo: Martin Claret, 2005.

PESSOA, Fernando. O Marinheiro. São Paulo: Babel, 2011.

SHAKESPEARE, W., *A Tempestade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1991.